

## POLÍTICA

## CONGRESSO

## Cresce dificuldade para governo barrar CPI

**Denúncia contra Bezerra ajuda oposição, mas Planalto ainda luta para que aliados retirem apoio**

CHRISTIANE SAMARCO  
e TÂNIA MONTEIRO

**B**RASÍLIA – O governo começou mal a semana em que os partidos de oposição prometem oficializar com pompa, na Mesa Diretora do Congresso, o apoio de mais de 171 deputados e 27 senadores para instalar a comissão parlamentar de inquérito (CPI) ampla da corrupção. Por mais que os líderes do governo e dos partidos aliados neguem, a oposição não tem dúvidas: “As denúncias de corrupção contra o ministro da Integração Nacional, Fernando Bezerra, dão impulso à CPI, porque envolvem o primeiro escalão do governo, fortalecendo a idéia da necessidade de uma ampla investigação”, avalia o líder do PT na Câmara, Walter Pinheiro.

O líder do governo na Câmara, Arnaldo Madeira (PS-DB-SP), porém, insiste que a CPI ainda não é um fato consumado. Ele salienta que, apesar das dificuldades, o Planalto não está montando uma estratégia especial nesta semana, mas trabalha firme em duas frentes. Além da operação para retirar assinaturas de aliados do requerimento que pede a abertura do inquérito, os governistas tentam convencer quem ficou de fora de que a CPI ampla só terá serventia para os partidos de oposição, que irão transformá-la no grande palanque da corrida presidencial de 2002.

Na avaliação de um auxiliar do presidente Fernando Henrique, as novas denúncias são lamentáveis, sobretudo por que o debate da CPI pode superar os limites do Congresso, chegando ao Planalto. Em conversas com assessores ontem, o presidente insistia em combater a CPI da Corrupção com o argumento de que a Câmara já havia aberto inquérito para investigar o Finor e a própria Sudene, sem ter chegado à conclusão alguma nem aplicado punição a quem quer que seja.

Além disso, lembrou Fernando Henrique aos seus interlocutores, o problema de Bezerra “passou batido” nas investigações que a CPI do Fi-

nor fez. Para reforçar a sua tese de que CPI é inconveniente e inútil, o presidente salientou ainda que, no que se refere a irregularidades na Sudam, várias prisões foram efetuadas e o caso está adiantado na Justiça sem que para isso tivesse sido aberta uma CPI.

**Mudanças** – O líder do PPS no Senado, Paulo Hartung (ES), lembra que chegou a elogiar a iniciativa do governo de extinguir as Superintendências de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) e do Norte (Sudam), substituindo as estruturas velhas e viciadas por outra mais eficiente. “Mas é extremamente grave que o coordenador desta reformulação da Sudene seja um ministro envolvido em acusações de corrupção justamente na Sudene”, salienta o senador.

O pior é que, como a extinção das duas instituições foi anunciada em grande estilo pelo presidente, como parte da operação do Planalto para esvaziar a CPI da Corrupção, até os governistas concluem que as denúncias contra o ministro acabam transformando um fato positivo para o governo em negativo.

## EXTINÇÃO DA SUDAM PERDEU IMPACTO

Diante deste quadro, o líder Walter Pinheiro aposta que a instalação da CPI é irreversível, porque o governo não conseguirá mais retirar as assinaturas dadas. “Todos os deputados foram consultados antes de terem os nomes divulgados e ainda temos uma folga, além dos 12 nomes que ainda nem revelamos”, salienta.

Pinheiro está convencido de que as denúncias contra Bezerra complicam ainda mais a vida do governo porque, a seu ver, não podem ser apuradas pela Corregedoria-Geral da República, uma vez que a corregedora, Anadyr de Mendonça Rodrigues e o ministro estão no mesmo nível hierárquico, o que reforça a CPI.

“A CPI é uma bola de neve, que cresce com cada denúncia mais grave do que a outra”, completa o deputado José Genoíno (PT-SP). O corregedor do Senado, Romeu Tuma (PFL-SP), não aderiu à CPI mas cobra a apuração das denúncias de corrupção contra Bezerra, independentemente da abertura de inquérito. “A Polícia Federal e o Ministério Público têm de aprofundar as investigações”, sentenciou.



Saturnino, em sessão para retirada de espinhos: ‘Eles ficam como agulhinhas dentro da boca’